

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, Bruno, C. Goodolphim, Ernesto Pires, Gomes Leal, Gerio Vaz, J. F. de Rosiers, José J. Nunes, Latino Coelho, Lopes Trovão, R. Cardozo, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 44

OCTUBRO — 1883

2.º Anno

Eduardo Nunes da Motta

Sempre que a verdade se deva dizer; sempre que a pratica da justiça tenha de se patentear; logo que, uma missão haja a cumprir para que a manutenção da justiça isso represente, não é um favor que a verdade se diga, que a justiça se pratique: — é um dever que se cumpre.

Assim o devem comprehender os que advoguem as doutrinas democraticas, e nunca esqueçelas, olvidando este preceito que com ellas se prende.

Foi para esse fim que a *Galeria Republicana* se criou, foi para esse fim que muitos dos nossos amigos se abrigaram sob a bandeira da democracia; e é para esse fim, ainda, que o auctor d'estas linhas aqui vem, fallando de Eduardo Nunes da Motta como de um republicano convicto, e como de um amigo verdadeiro.

Não é para nós difficil tal missão. E não o é, desde que n'elle vejamos um dos mais bellos ornamentos do nosso partido, como um dos mais estimados industriaes que conhecemos, e que possuímos no campo em que militamos.

Faltarão a Nunes da Motta uns titulos que o recommendem á admiração dos vaidosos que o esqueçam, representados esses titulos n'uma fatuidade impertinente, mas não, amigos que o estimem, pesados devidamente os seus serviços em prol da nossa causa; e menos, lhe faltará o seu direito ao respeito dos seus proprios inimigos, logo que se atenda á austeridade do seu character sempre aberto á pratica da justiça, reconhecida a firmeza dos seus principios, e, finalmente, apreciado o quanto elle vale pelos innumerados amigos que possui não só dentro da arena da democracia onde só pensar se deve no nivelamento da sociedade, como fóra d'ella os tem numerosos para como nós o apreciamos.

Estará em resumo aqui, o maior elogio que lhe possamos fazer!

E agora, precedendo ao mais que temos a dizer em referencia aos merecimentos do nosso biographado, as considerações que necessariamente justifiquem as nossas

palavras, diremos: não ser bastante que as boas doutrinas só nos jornaes mais lidos se propaguem, como nos comicios se exaltem, ou nos clubs se sustentem; necessario é provar a lealdade com que se expandem, trazendo-as para aqui, e para toda a

fraqueza occulta n'umas palavras muito bonitas, soltas nos passageiros momentos de um falso entusiasmo, minada como é por vezes a alma do orador, pela ingratição que o leva a um fim menos licito; a pratica d'uma falta, ainda, no exercicio do dever, maneando-se a penna em serviço de uma causa que se apresenta bem servir quando se atraição, são faltas que não devem servir de norma aos republicanos da nossa tempera quando pedidos os seus serviços n'um ou n'outro sentido dos que acima indicámos, pois que, todos devem ser rigorosamente mantidos por nós em qualquer dos campos onde elles se exijam.

Que nos desculpe o nosso prezado amigo Nunes da Motta esta dissertação, pois que, necessario é dizer aqui, existirem no seio do partido republicano essas fezes que o envergonham: os republicanos que por tal modo o atraíam!

Um d'esses que talvez as constituam, como outros que não pôdem ser contados como amigos de Nunes da Motta, culpado é, certamente, de que o auctor d'estas linhas se afaste do ponto principal a que ellas deviam visar, necessitando mostrar-o contaminado por essa doenca que felizmente lavra mais intensa no seio dos partidos da monarchia, comprovada como está a sua ingratição para com Nunes da Motta: *se outras razões não ha* que o levassem ao esquecimento de que elle devia ser o primeiro a vir prestar aqui ao nosso digno biographado a justa homenagem aos seus merecimentos individuaes...

Orador festejado, jornalista primoroso, quizera talvez ver passado muito tempo, depois de muito instando para fazer a biographia de Nunes da Motta, para isso provar...

Sentindo este facto, que talvez se prenda com as nossas anteriores observações, facto, que não afeiamos, a pedido do nosso biographado, que para esse *amigo* quer ser indulgente, cabe-nos estranhar ainda assim essa falta, que para nós representa uma d'essas *aberrações* que por vezes se manifestam entre alguns dos que deviam ser os primeiros a demonstrar o valor dos seus meritos, não se afastando um apice de uma certa linha de conducta a se-



EDUARDO NUNES DA MOTTA

parte, procurando cada um servir dignamente o partido republicano; e não, fugindo-se por vezes até ao cumprimento de um dever não se honrando os que nos honram, regateando-se-lhes aqui umas palavras de louvor, quando as mereçam, para que prosigam no caminho que têm a seguir indicados pela gratidão que se lhes deva...

O esquecimento d'este preceito que tão sagrado é para nós, leva-nos a dizer: que

guir pela sua intelligencia, e doutrinas largamente expendidas em determinados casos...

Que nos permita o nosso presadissimo amigo Nunes da Motta recorrer á sua benevolencia fazendo aqui as nossas observações em tal sentido: ellas tem por fim, provar-lhe n'este logar a necessidade imperitavel de a tanto se avançar; desde que, urgente é isentar o partido republicano dos erros que sejam pertença exclusiva dos partidos da monarchia!

Como logar de honra, este local, que se abra elle em toda a liberdade aos que n'elle unicamente honrem os nossos correligionarios, provocando-os á pratica das suas obrigações mais rigorosas, e estranhando casos de tal natureza!

E n'este proposito, ainda, passando em seguida a occupar-nos do que nos cumpre desenvolver aqui, sentimos que, uma vez se tivessem tambem maculado este logar de honra, concedido como elle é aos demolidores do erro; aos trabalhadores dedicados pela causa da humanida; aos que apostolizem as doutrinas mais accetaveis, trazendo uma vez para aqui: — a expressão de tédio, da vingança, da falta de generosidade, da inveja, talvez... a demonstração clara de que acima expozemos, e que devemos varrer d'aqui, como incoherente, e vergonhoso para nós, lillibando (?) Joaquim Cecilio, de Sousa das *faltas* que em biographia escripta por amigos se lhe notaram!

Eduardo Nunes da Motta, é um dos nossos mais sympathicos amigos. Como republicano, conhece-o todo paiz como um dos mais dedicados evangelizadores da causa que professamos.

Entre os amigos do nosso digno biographado poucos se contam que mais tenham merecido o seu nome aqui.

Quem percorrer com a vista qualquer periodico republicano de Lisboa, procurando um acontecimento relativo ao desenvolvimento do nosso partido, raro deixa de ver o seu nome sempre como uma das sentinelas avançadas, nas luctas em que nos temos empenhado em sua honra.

Envolvido nas luctas eleitoraes, foi n'esse campo onde pela primeira vez encontramos este honradissimo industrial, ha dez annos, proximoamente, vendo-o desde então trabalhar pelo triumpho das listas republicanas, como nenhum dos nossos amigos, chegando a sacrificar os seus interesses n'essas pugnas trabalhosas em que os nossos governantes exibem as mais indecorosas trapaças para derrotar os cidadãos independentes.

Foi no ardor d'essa peleja, que o vimos trabalhar com o maior afflicção pela eleição de Elias Garcia, pelo circulo 95, em 1878, e seguintes, fazendo parte das commissões que para tal fim se organisaram, como de outras, uma das quaes offereceu ao nosso muito honrado amigo dr. Magalhães Lima a candidatura pelo circulo 98, promovendo a sua eleição.

Merecedor dos suffragios dos nossos amigos, tendo além do exposto, trabalhando sempre com afflicção no sentido de prestar os maiores serviços á causa da democracia, trabalhando na confecção dos recenseamentos, coube-lhe a vez de vér figurar pela primeira vez o seu nome n'uma das listas republicanas, em 1881, como substituto á junta geral do districto. Mais tarde em 1883, o directorio republicano, incluía-o na lista camararia que tanto incomodou os amigos do governo, e fez suar o topete ao caro Fontes, fazendo este, engulir depois a esses amigos uma celebre circular... devendo-se ás mais indecorosas trapaças que temos visto pôr em pratica com o fim de annullar os votos independentes, o não ter vencido a nossa lista, na qual o nosso biographado figurava como substituto á vereação de Lisboa.

Preso, um anno antes da data apontada com referencia a este acontecimento, e, conduzido á cadeia do Limoeiro por fazer parte dos corpos gerentes do *Club Fernandes Thomaz*, como os nossos amigos Castello Branco Saraiva, Rodrigues dos Santos, e Proença, vimol-o receber ali as mais iniquivocas provas de amizade; reconhecendo nós em Nunes da Motta a coragem d'aquelles que não esmorecem sobre a pressão do despotismo dos devassos que governam, e se governam...

Para se ajuizar facilmente o que vale Eduardo Nunes da Motta como republicano e como revolucionario, não seria necessario tanto: bastaria demonstrar aqui, a forma despotica e arbitraria porque lhe foram apprehendidas umas 60 armas de fogo que o nosso brioso amigo comprára em leilão publico e por conta da fazenda nacional!

Mas... que tem mais de notavel Nunes da Motta na sua vida politica?

Chamára acaso, a attenção publica para os seus serviços, por meio da palavra, nos comicios onde muitos dos nossos oradores têm prestado relevantissimos serviços á democracia?

Empunhára a penna, tambem, a exemplo de Magalhães Lima, Cecilio Sousa, e outros dos nossos presadados amigos que tão brilhantemente têm sabido castigar os actos governativos dos que só atraçoam a nossa patria? Que o sabamos, não fizera isso: o seu trabalho mais valioso, depois do que vimos fallando, tem sido no seio das associações. E tantos são os serviços de Nunes da Motta aos principios associativos que difficil seria innumerar-os!

Citaremos de passagem, o modo porque têm sido aproveitados em tal sentido os valiosos serviços de Nunes da Motta, quer contribuindo elle para a organização de algumas d'essas associações, quer fazendo florescer outras, em resultado de varias medidas postas em pratica sob a sua direcção acertada. N'esse empenho, pois, fundou com outros dos nossos correligionarios o *Club Fernandes Thomaz*, do qual foi presidente da sua primeira commissão executiva; — Fundou do mesmo modo a *Cooperativa Economica Capital Operario*; — Foi um dos primeiros fundadores do *Gremio Popular*, do qual é um dos seus socios benemeritos; — Contribuiu para a fundação do *Club Ferreira Borges* do qual foi seu vice-presidente da assembléa geral, auxiliando a fundação de outras associações que nos não occorre.

A sua capacidade intellectual, e firmes desejos de bem servir outras muitas associações, pôdem julgar-se pela escolha que de Nunes da Motta fizeram para os seguintes cargos: Foi eleito presidente da assembléa geral do *Monte-pio Fraternidade*; eleito presidente da associação dos *Carpinteiros, Padreiros e Artes Correlativas*, na qual exerce desde muitos annos esse logar; eleito presidente da commissão executiva do *Club Gomes Freire*, do qual é actualmente seu vice-presidente; — Representou o *Club Fernandes Thomaz* no congresso do partido republicano, na assembléa de legados, onde, com a franqueza que lhe é peculiar, expoz a boa doutrina contra as praxes erroneas que ali se estabeleceram, cabendo-lhe ser alvo de algumas inconveniencias por sustentar dignamente o logar de que o investiram... — Representou como delegado no congresso das associações a *Associação dos carpinteiros*; do Sul; — Foi membro de varias commissões de reformas de lei, em varias cooperativas, *Banco do Povo*, etc., etc. — Faz parte da gerencia, ha annos, da cooperativa *Industria Social*; — É vogal da commissão do recenseamento eleitoral do bairro occidental, e vogal tambem do recenseamento militar pelo mesmo bairro: é, n'uma palavra

um dos nossos correligionarios mais prestaveis, mais briosos e da mais provada capacidade que conhecemos.

*
*
*

Como se viu, a historia de Eduardo Nunes da Motta, contando elles apenas 38 annos de idade, não é um romance que para ali se architecte com o fim de se encherem umas columnas, vae mais longe: é um aggregado de serviços prestados generosamente á democracia, e á sociedade, no periodo que se pôde julgar curto, do desenvolvimento mais perfeito dos seus dotes intellectuaes, attendendo aos seus poucos annos.

Muitos d'esses serviços ficam por mencionar, e, pena é, que sendo por nós apontados alguns ao correr da penna, deixassem de vir outros á luz da publicidade, apontados pelo nosso presadissimo amigo dr. Magalhães Lima, que mais sabe do que nós em tal sentido, sem falar nos bons desejos que este nosso amigo teria de o fazer...

Que nos desculpe este nosso amigo, como o nosso brioso biographado a linguagem usada até aqui em varios pontos, não se respeitando umas tantas *conveniencias* ao notar umas faltas que não é muito que se combatam: a nossa penna tem o defeito de escrever a verdade em toda a sua pureza, *louvando ou castigando*, e julgamos, não servir bem o partido republicano por outro modo...

Tanto melhor será para Nunes da Motta, o nosso proceder, em tal sentido, fazendo tomar na devida conta as linhas que até aqui lhe temos dedicado sob a influencia da mais perfeita justiça; tanto peor para o nosso presadissimo amigo dr. Magalhães Lima não ter d'isso sido encarregado, por que o faria melhor, pois que: recto tambem, cavalheiro da mais provada delicadeza, *republicano convicto*: d'aquelles que pouco se encontram promptos sempre a honrar *de facto* o partido republicano, honrando os seus correligionarios, prestando-lhe a fazel-o sem necessitar ser instado para esse fim, como o não fomos, e antes, nos offerecemos, prestando n'este logar, como era dever nosso, e conforme soubermos, a devida homenagem a Nunes da Motta.

Assim, proseguir desaffrontada o seu caminho a *Galeria Republicana*, tendo inserido n'este logar o retrato e biographia de Eduardo Nunes da Motta, que segundo os dados que possuímos, nos dizem, além do exposto, ter nascido em Gradil, concelho de Mafra, em 1846, contando, como dissémos já, 36 annos de idade.

J. DE ROSIERS.

O BAQUEAR DA PATRIA!...

AO VALENTE DEFENSOR DO POVO JOAQUIM CECILIO DE SOUSA

Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

(Lus., VIII, 39.)

Afunda-se a patria! E afunda-se, acompanhando-a os gritos dilacerantes dos seus filhos: aquelles que a estremeceem, e para quem ella é ainda a sua mãe!

Desçamos com ella ao abismo da desvergonha que os seus filhos ingratos lhe cavam! Acompanhemol-a, já que nos falta a vida dos nossos antepassados: aquella vida que a tornou grande, desviando-a sempre d'esse abismo tenebroso para onde fatalmente caminhamos ligados a ella! Velamos os olhos ao seguil-a! Não olhe-

mos para traz, porque veríamos os punhos fechados dos nossos maiores, fechados para nós, assustando-nos também as suas feições carregadas, ameaçadoras!

Fechemos os lábios, para que d'elles não saiam estas palavras, que tanto o mundo assombram: — Somos portugueses! —

Sim, façamos tudo isto; que não é muito, já que em nossa alma se apagam dia a dia os bríos que outr'ora a ennobreceram!...

Afunda-se a patria! Oh! filhos de Portugal! Vêde bem isto, se a não quizerdes salvar no reviver d'esses bríos que pouco a pouco se extinguem.

Olhae! vêde o fugir espavorido da vergonha, que de nós se afasta!

Olhae! vêde como uma nação que foi grande, baquea sob a acção despótica de alguns dos seus filhos!

Como isto é medonho! Como isto é vil, deveras esmagador para aquelles que pressam a sua dignidade: para nós, conhecidos que fomos lá fóra, onde a fama de nossos heroes echoou, como um povo dos mais dignos, dos mais honrados, e dos mais respeitadíssimos!

Pobre patria, a nossa Pobr e d'ella, que, generosa ainda, nos apresenta as venerandas cinzas dos nossos antepassados, para que assim a levantemos do cahos em que a lançaram! E ai de nós, que só ellas nos restam que nos honrem e nos animem na lucta contra os traidores d'esta patria, que é tão nossa! E que mais nos poderia restar d'essa pleiade de heroes? O sangue? por elles insulfado nas nossas veias? Ah! não, não, que o não sentimos já! Por ellas corre um sangue menos puro, menos cheio de vida: uns laivos, apenas, d'aquelle precioso sangue derramado generosamente pela nossa patria!

Uns ossos apenas nos recordam o que lhes devemos! Uns ossos, sim; mas uns ossos que ainda falam, que ainda vivem; que mantem em respeito os que nos affrontam, cuspidos sobre nós os seus insultos... talvez merecidos em parte pela nossa indiferença, e pela não comprehensão dos nossos deveres, não passando além, por em quanto, os seus atrevimentos mais graves — devido ao respeito que a essas reliquias guardam!...

Foi Portugal uma grande nação, diz-nos a historia. N'ella, creados esses heroes que a nobilitaram, não só com a penna, como com a espada, fazendo assombrar o mundo a sua grandeza, grandeza na qual ia em todos os actos dos seus filhos a sua inquebrantavel honradez na conquista das suas glorias, atravessou assim os seculos, generosa sempre para a humanidade, sublime sempre para com o genero humano, ao qual acariciava em toda a parte, espargindo sobre elle a luz da civilisação, levada a elle *por mares nunca d'antes navegados*, sempre altiva, e orgulhosa d'essa altivez, que a distinguia entre todas as nações: generosa ainda para com os proprios inimigos n'essas sangrentas pelejas que a deviam honrar, levantando-os depois de prostrados!

Tanto podia esta nação, que ainda é tão nossa! Tanto podia o Genio que os nossos maiores encaminhava n'essa senda de glorias para nós, que, tendo-nos presenteado com essa historia esculpida nos marmores da honra, nos honrou para sempre, embora desamparando-nos, depois de nos ter mostrado no horizonte uma estrella que se devia para nós aparlar!...

Que nação esta! Que portugueses esses, que tudo isto fizeram!...

Quanto não valia um só dos seus cabellos? Quanto não valia a palavra compromettida d'um d'esses homens dignos, dos quaes, um só d'esses cabellos era o mais valioso penhor?! Quanto não valia

a educação dos seus filhos? Quaes os disvelos que lhes mereciam as riquezas que os seus maiores lhes legaram, n'essas largas fachas territoriaes que hoje nos disputam, accusadas nos mapps geographicos como perolas descobertas por nós?

Qual o valor de tudo isto, comparado com as nossas glorias de hoje, que só se pôdem achar nas nossas faltas de respeito na familia, na sociedade, no culto religioso profanado pelos ministros da religião de Christo; na pratica de todos os mais respeitaveis actos, que hoje se esquecem, e se aviltam, n'esta sociedade de escorias, de detritos, d'onde a custo se apuram uns vislumbres de honra que nos amparam?

Qual o valor d'esses disvelos, comparados com os nossos, que são o nosso desamor por tudo isso que esses venerandos filhos do antigo Portugal nos legaram; n'esse desamor que nos leva ao esquecimento do muito que lhes devemos, mutilando a patria, esphacelando-a; entregando-a maniatada aos bandos de salteadores que nos espoliam?

Que contraste tão desolador, este! Que triste quadro este para ti! Oh! nosso Portugal! que foste a luz que illuminou a humanidade inteira com os seus raios brilhantes!

Porquê, não nos abrir elle as suas entranhas: aquellas que receberam os restos dos seus dedicados filhos, deixando-nos esconder n'ellas a nossa vergonha?

Ah! não deviamos ter nascido hoje, e sim quando elles ao mundo vieram, porque veríamos em cada um dos seus punhos fechados uma máca para esmagar traidores! Infames! estes, que não sentem nas veias o sangue d'esses heroes!

Infames! que não se orgulham de ter nascido no paiz que lhes foi berço! Esphacellem a patria dos Gamas, dos Albuquerque, dos Egas Moniz, de Camões, o seu glorioso cantor: sejam os Judas que assim compromettam a nossa propria independencia, que, não seremos nós, os republicanos portugueses, que não façamos por obstar á sua completa deshonra!

«— A morte antes, do que a deshonra!» diziam os nossos antepassados. Porquê, não preferimos a morte á deshonra, hoje, que ella pesa horrivelmente sobre nós? Minada a patria, de traidores que nos deshonram, ou elles, ou nós, devemos desaparecer da terra onde a nossa vida é mister ser jogada em sua desafrenta! A patria, afunda-se; baquea, qual colosso cuja queda deve ser medonha, se lhe não acudimos pressurosos: — REVOLUCIONEMOS!

Outro tanto fizeram entre nós esses martyres da liberdade que por ahi se arrastam ainda: essas reliquias que constituíram aquelles? So bravos que aborçaram ás praias do Mindello, victimas da ingratição da realza a quem serviram em honra da liberdade! — REVOLUCIONEMOS! —, hoje, que a Deusa Liberdade vae ser velada! — REVOLUCIONEMOS! —, hoje, que a patria começa a pedir o nosso sangue, ferida como ella está na sua honra; roubada na sua grandeza; varrida dentro em pouco d'entre o povo europeu, como uma nação pouco digna de figurar entre elle na communhão dos bons principios, se a possante mão do povo a não detem n'essa queda vergonhosa!

Não toquemos mais n'essas cinzas respeitaveis que nos fizeram lembrar o nosso passado de glorias e de triumphos, olhem para o presente, e para o futuro.

Que vemos, pois? O esphacelamento da patria sob as garras aduças da Inglaterra! Que vemos mais? As ambições assustadoras da nossa vizinha Hespanha! Que mais? A França, a Belgica: quasi todas as nações poderosas, pretendendo aproveitar-se do nosso estado de deca-

dencia moral, esbulhando-nos do que lhes convier em Africa!

Que verá o povo depois d'isto que o convida á Revolução? A Deusa Liberdade, a soluçar afflicta, olhando para a imprensa democratica a qual entretanto se amordaça? Os destinos de Portugal, entregues aos Judas d'essa Liberdade, a quem beijam, affogando-a ao mesmo tempo?

Que veremos mais? Oh! pygmeus de hoje, que vos não envergonhaes ao cruzardes os braços indifferentes, perante este quadro de horrores, que será a mais negra pagina da nossa historia?

Será pouco isto? Não! — Porque esperas então? Que te algemem, para que te roubem? Que te amordacem, para que não grites?

Pois quê! Depois de conquistada a Liberdade, que tanto sangue te custou, consentirás que te affrontem, insultando-a?

Medita, e vê comnosco, como a medida unica para a salvação da patria, n'este *desideratum*: — A REVOLUÇÃO —

Para ella devemos caminhar, comprehendes isto? Quererás fazel-a?

Quem sabe?...

A gangrena social, tendo entrado nos paços da realza, passou ao parlamento, tocou o povo, como mostrámos, tendo passado pelas secretarias, e demais repartições do estado onde regorgitavam os *representantes do povo: os vis paes da patria*; varreu tudo que de honroso encontrou na sua passagem, apodrecendo tudo. Que esperar, o povo não contaminado? quando, junto á infamante lei que lhe destinam, na reforma do codigo penal, referente aos delictos da imprensa, vemos fugir-nos das mãos a posse dos nossos territorios d'além-mar?

Que esperar? A deshonra? Ai de nós, que não pouco já temos perdido n'esse vergonhoso desleixo em que jazemos de ha muito, encardando assim o futuro do nosso paiz, sem marinha, sem commercio, sem industria, sem agricultura!

Tocado o apogeo da miseria, e da desvergonha, n'esse estado impossivel em que vivemos; agravada a nossa dignidade, por umas leis repressivas que nos coarctem aquelles direitos sagrados de onde possamos adquirir os meios de regenerar o povo assim educado pela monarchia, é certa a completa desgraça da nossa patria. Por isso, povo martyr! Mostra que ainda tens vida!

Não voltas ás eras do absolutismo: vae mais atraz, aproxima-te, com o pensamento, d'aquelles que honrar sabiam como ninguém o paiz em que nasceram. Regenerado, e forte, estabelece a ordem; governa, e não queiras que outros te governem, animando aquelles que para isso trabalham na sua lucta gigantesca, a fim de que os nossos vaticínios se não realizem, e que as primeiras linhas do nosso artigo traduzem, ditadas pela nossa alma amargurada, vendo tremulos e cheios de medo o baquear da patria!...

J. DE ROSIERS.

A gente séria e a sua imprensa

Mas não basta o que a imprensa séria diz! A physionomia grave e scismadora de um monarcha, necessita attestar que elle mais do que ninguém deve apresentar-se assim, demonstrando ser espinhoso bastante o seu cargo, não devendo por isso rir a qualquer hora na presença do povo senão quando... *o seu governo e o seu interesse, assim lh'o exigir!*

E este o seu dever, logo que elle tem de servir de padrão que possa e deva ser co-

piado pelos que tenham de representar o papel de gente *séria e decente!*

O diabo, é que o *povinho* lhes responde assim:

— Pódem representar quantas comedias quizerem que já não conseguem illudir o *Zé!*

Que tenha um rei o titulo de soberano; que o *Zé* lhe mostrará um dia qual é o verdadeiro soberano! Que seja um príncipe, um *Augusto senhor*, porque nascera de uma *barriga real* (!); que o *Zé!* lhe provará ser o *povinho* o unico *Augusto senhor!*

Que a imprensa que os exalta lhes occulte as faltas... apresentando-os a unica gente séria e decente; que nós, *povinho*, lhes diremos um dia: — *Bricaram com as rosas? Picaram-se?* Fizeram outras coisas que se não fazem, e se não dizem; abrindo assim exemplos á *canalha* que d'elles se não lembra? Pois bem! essa *canalha*, o *povinho*, voltará uma dia as *guardas á fechadura* fazendo passar de monarchia a republica tal modo de vida!...

Não vale a pena mostrarem-se sérios e casmurros perante o povo, porque este os conhece já! Demais elle sabe o que a monarchia tem sido de ha muitos seculos; porque o *povinho já vae lendo por cima*, e a historia lhe tem dito que os reis, desde muitos seculos têm sabido *bem cumprir o seu dever*, acrescentando á lista dos assassinos, dos cobardes, e dos devassos, os nomes de muitos d'esses tyrannos coroados! *Nada de intrujisses!* diz o *povinho* de hoje, quando os marões da monarchia pretendem passar por gente decente, apresentando-se sob a mascara de gente séria jogando por vezes assim a sua independencia... Tal é a sua desconfiança, tão bem fundada ella é quando a sua perversa imprensa o pretende tambem illudir!

Gritando contra os seus attentados, pensando sempre nas ignaras camarilhas da monarchia que o deshonram, e procurando estudar a physionomia do padre, diz ainda o *povinho*, falando dos principes da igreja: — Ah! não ris? porque elevaes os dedos a determinada altura para nos abençoardes?! Sorris, apenas, deixando-nos, a cópia de uma physionomia hypocrita nos retratos que pelo mundo espalhaes á admiração dos que vos respeitam as vestes sacerdotaes cercadas de ouro e de brillantes?! Abaixo a mascara! Sois a imagem do jesuita perverso porque pretendeis fazer-nos retrogradar! Não podeis mostrar bondade n'essa physionomia assim contrafeita: conhecemol-a! é ella a imagem dos assassinos de um passado ignominioso! Illudis a humidade muito mal, porque ella vos aprecia hoje como deve!

Escarrae embora sobre nós os vituperios que quizerdes, porque nós não deixaremos de evitar o contacto da tua acção perversa. — A imprensa? Defende-te ella? Ah! e a nossa? — a imprensa do povo? Fugi! ou occultae o rosto quando fizermos gener os nossos prèlos...

Medi-nos bem, e vêde que *rimos* dos que não *rien*... A *canalha*, tem já quem a defenda, dizendo aos saltadores da sua honra: — Que quereis de nós? — Nós somos o povo! Temos honrado a patria sempre, não voltando as costas uma vez sequer aos que nos tem procurado infamar fazendo-lhe custar caro os seus attentados contra a nossa dignidade!

Não podeis dizer, que um só d'esses pobres filhos do povo roubasse a mulher de outrem, fazendo annullar essa união para gosar essa mulher, fazendo respeitar tal violencia; á realza, com o auxilio dos principes da igreja tem cabido *essa honra!* Não podeis dizer, que o povo, uma vez sequer tenha commetido crimes mais nefandos do que a realza e o clero: pois que

o povo não sabe imitar os tyrannos que fazem as leis e depois as deshonram! A nossa historia — a historia do povo — é esta: — Trabalho e honra! — A vossa é esta: — Ociosidade e deshonra! — Que quereis, pois, perseguindo-nos dia a dia com os vossos conselhos?

Que quer a imprensa religiosa? Que pretende a monarchia, e a sua imprensa, procurando fazer-nos retrogradar, quando temos que avançar?

Destruir uma lei natural, qual é a da transformação da sociedade por meio da civilisação successiva que para isso a vá preparando? Não pôde ser! Colliguem-se pois contra nós, insultem-nos; apresentem-se-nos como a unica gente séria e decente, zombando de nós, (porque pequenos como somos... não podemos gosar taes regalias), e vejam, se podem evitar que a *canalha*, o *povinho* que os não perde de vista estudando-os a seu modo, deixa de preparar-lhes a mortalha e a cova que merecem, abrindo escolas para a educação do povo, e para o castigo dos perversos que nos deshonram, ao tempo que d'elles nos libertamos fundando em cada dia que passa, um novo centro republicano aonde o povo vá receber a verdadeira luz que os esmague, mostrando-lhes o que somos e o que podemos...

J. DE ROSIERS.

CHRONICA

A *Galeria Republicana* dá hoje o seu *pratinho de meio* ao leitor, na sua appetida chronica. E tu, leitor, gostas de petiscos appetitosos bastante e picantes a valer? arranjados com umas pitadas de coloráu picante, a sua malagueta, ou uns pósinhos de pimenta?

Um pratinho de mexilhão, por exemplo, mesmo *por barbear*, preparado á pressa ahi n'um sitio qualquer, fóra de portas, para a tua *rapina*?

Estamos a vêr que te não desagrada, hein?

Mas... tambem gostas de amendoas... Maganão... Se te vimos pelas festas de endoenças de cartuchinho na mão, horas antes de te encontrarmos proximo do Quintão...

«Cada um come do que gosta», dirás... A proposito das ultimas festas: viste a *procição dos nús*? Visitastes muitas igrejas? Confessa, que andavas triste este anno!

Mas... que diabo te apoquentava para assim andares? Pensavas no *Vaz*, no *ro-lheiro*: n'aquelle marreco que se tornou uma celebridade, ao qual o dr. Arriaga fez algumas vezes *abaixar* no theatro de S. Bento?

Scismavas, ainda, na celebre batota da alfandega? Lembrava-te a pepineira da entrega do barrete ao *patriarquá*, barrete pelo qual tens que dar boa maquia, como coisa para teu uso?! O negocio do Zaire, acabrunhava-te? — Estamos a vêr-te a *amolá*, sem saberes responder de prompto a tantas perguntas juntas! Outro tanto nos devia succeder, interrogados assim á carga cerrada sobre tantas coisas curiosas...

Vamos por miudos. Que dizes das festas da semana santa? Tudo triste, hein? Não, que a verdadeira tristeza existisse nas igrejas, mas sim nas ruas, onde o pobre *Zé povinho* se apresentou mais pobre do que nunca este anno! Se até o madamismo não deitou visites novos este anno!!! E a respeito de *chinfins*? Dois, soube-mos nós que houveram: um em S. Domingos, e outro na igreja dos Jeronymos.

Em S. Domingos, abundavam os gatu-nos, que a policia deixa por ahi andar a *governar-se*, mettendo ali as mãos nas

algebeiras dos devotos, empalmando-lhes os cobres! Aqui, a policia tinha os olhos fechados!...

No convento dos Jeronymos, a coisa era diferente: fazia-se um reboiço infernal, porque todos queriam gosar, e vêr, como o madamismo *d'alto lá com elle* se saía da *alhada* em que o metteram, sendo obrigado a *desafinar!* Entretanto, os havanos da janotada fina ardiam na igreja, como as velas nos altares! Os *grandes*, suavem em bica! Os *pequenos*, *faziam azeite!* O Duarte, regia a musicata, dizendo com os seus botões:

— Com mil bombas! Como eu conseguí fazer cantar as *sereias!*...

Fizemos mal em começar pelo fim. Andaremos como os caranguejos...

A batota da alfandega, leitor? Trez vezes nove... Não se fala já n'esse famoso escandalo: o que lá vae, lá vae; patifarias graudas não faltam, chamando para ellas a nossa attenção todos os dias os senhores que nos governam: as escóras do futuro *El-rei Nosso Senhor*, que nos dão taes provas, e entre ellas o famoso tratado do Zaire, que podia deixar de ser tratado, se tivéssemos uma boa esquadra que defendesse as nossas colonias...

Pobre paiz!...

Fechemos a chronica hoje, falando das homenagens prestadas a José Félix Henriques Nogueira, e a José Fontana.

A festa sentimental em honra de Henriques Nogueira, foi das mais grandiosas que temos visto prestar o partido republicano á memoria dos seus mortos illustres.

Reunidos cerca de 4:000 dos nossos correligionarios no cemiterio occidental, em um dia chuvoso como esteve aquelle de que tratamos, e, relembrados ali, no campo dos mortos, os serviços em prol da democracia d'aquelle que tão cedo baixou á sepultura para nós deixar o seu nome como um farol que nos guie no caminho da honra que procuramos trilhar, foi, certamente, um dos mais salientes serviços que o club Henriques Nogueira podia prestar ao partido republicano, pois que, honrando a memoria d'aquelle portuguez illustre, provou a importancia que esse partido tem aqui mesmo no coração do paiz.

Estava formoso o dia em que, por iniciativa da Associação dos Trabalhadores, se prestou a homenagem a que tinha jus aquelle mallogrado moço que tanta falta fez ao proletariado, áquelle filho do povo com um simples nome de José Fontana, que conseguiu a união de todas as classes trabalhadoras n'um amplexo fraternal como nenhum outro individuo o poderia conseguir! Devido tambem ao tempo o permitir, pôde dizer-se ter sido enorme a concorrencia ao cemiterio, onde vimos bizarramente postados em grande numero os nossos correligionarios, aguardando a cerimonia da trasladação dos restos de José Fontana para um modesto jazigo mandado fazer por essa associação.

Calcula-se não ser inferior a 10:000 pessoas a concorrencia que esse testemunho de reconhecimento á memoria d'aquelle benemerito chamou áquelle local, onde por vezes se aquilata os merecimentos dos que ainda depois de mortos falam!

A primeira d'estas manifestações assistiu o auctor d'estas linhas, representando a *Folha do Povo*.

DEMOCRITO.